



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Filosofia, Ciência e ficção científica: uma experiência

**Por:** Caroline Elisa Murr<sup>1</sup>

e-mail: caromurr@gmail.com

### Resumo

O objetivo da oficina descrita neste artigo é despertar o interesse pelas discussões filosóficas através do contato com o rico material da ficção científica clássica, em que questões pertinentes à filosofia da ciência surgem natural e constantemente. Além disso, visa a motivar a curiosidade com relação à própria ciência e tecnologia, levando às discussões filosóficas que podem surgir da reflexão sobre a interação do ser humano com essas atividades e seus produtos. Tal abordagem se justifica tendo em vista a falta de interesse comumente demonstrada ou com relação à filosofia ou à ciência. No caso de estudantes de ciência, a filosofia lhes é importante como meio de reflexão crítica sobre sua futura área de atuação. No caso dos estudantes de ciências humanas, é importante que tenham uma dimensão mais ampla do que são as discussões em filosofia da ciência. A metodologia envolve a leitura e análise de trechos de textos clássicos, como “O homem invisível”, de H. G. Wells, e “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley. A análise da literatura gera interesse espontâneo por parte dos alunos, que assim apresentam mais facilidade em se aproximar dos assuntos filosóficos, como expomos neste artigo ao descrever os resultados da realização da oficina no evento “Virada Filosófica 2016”. Os tópicos levantados a partir dos textos é inevitavelmente variável, dependendo dos pontos que mais chamam a atenção no grupo de trabalho. Alguns temas que surgiram durante a oficina foram: definição de ciência, ética e ciência, dilemas morais e ciência, tecnologia e sociedade, sujeito e tecnologia, objetividade e subjetividade na ciência, racionalidade científica, revoluções científicas etc. Além disso, foram extraídos e discutidos pelos participantes temas mais amplos em filosofia, mostrando também a conectividade possível entre temáticas de diversas áreas filosóficas.

**Palavras-chave:** ficção científica, filosofia da ciência, literatura

---

<sup>1</sup> É Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, é Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Graduada em Matemática pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. É servidora pública federal, Docente do Magistério Superior junto a Universidade Federal do Paraná – UFPR, ministrando as disciplinas de Estética, Filosofia para Ciências Humanas e Tópicos Especiais em Filosofia da Ciência I.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Resumo

*La celo de la metiejo priskribita en ĉi tiu artikolo estas por vekti intereson en filozofiaj diskutoj tra kontakto kun la riĉa materialo de la klasika sciencfikcio, en kiu demandoj rilataj al la filozofio de scienco ekesti nature kaj konstante. Plie, ĝi celas instigi scivolemo pri la tre scienco kaj teknologio, kondukante al filozofiaj diskutoj kiuj povas rezulti el la konsidero de la interago de la homoj per tiuj agadoj kaj iliaj produktoj. Tiu alproksimiĝo estas pravigita konsiderante la montris mankon de intereso aŭ komune rilate al filozofio aŭ scienco. En la kazo de la scienco studentoj, ilia filozofio estas grava kiel rimedon maltrankviliga interkonsiliĝo sur la estonteco areon de operacio. En la kazo de la studentoj de homaroj, estas grave havi pli larĝan dimension ol estas la diskutoj en filozofio de la scienco. La metodiko engaĝas legi kaj analizi klasikaj tekstoj sekcioj, kiel ekzemple "La Nevidebla Viro" de H. G. Wells, kaj "feliĉa mondo" de Aldous Huxley. La pristudo generas spontaneaj intereson de la studentoj, kiu tiel havas pli facilan tempo alproksimiĝas filozofia temoj, kiel ni klarigas en ĉi tiu artikolo por priskribi la laborejon la tago de rezultoj en la "Filozofia Turnu en 2016". La temoj levitaj el la tekstoj estas neeviteble variabla depende de la punktoj kiuj pli atento en la laborista grupo. Iuj temoj kiuj aperis dum la laborejon estis: difino de la scienco, etiko kaj la scienco, moralaj dilemoj kaj scienco, teknologio kaj socio, homo kaj teknologio, subjetividad kaj objektiveco en la scienco, sciencaj racionalidad, sciencaj revolucioj ktp Krome, ili estis eltirita kaj diskutita de la partoprenantoj pli larĝaj temoj en filozofio, ankaŭ montrante la ebla rilato inter temoj de diversaj filozofiaj areoj.*

**Ŝlosilvortoj:** Sciencfikcio; Filozofio de la Scienco; Literaturo.

## Introdução

A oficina descrita neste artigo foi proposta e realizada durante o evento “Virada Filosófica 2016”, ocorrido em Curitiba-PR, nos dias 26 e 27 de agosto de 2016<sup>i</sup>. Idealizada para uma hora e meia de duração, e realizada em duas horas, a oficina contou com cerca de 20 participantes, os quais tinham diferentes bases de formação, interesses e conhecimento em filosofia<sup>ii</sup>. O objetivo deste artigo não é relatar o desenrolar da oficina, mas sim descrever brevemente sua estrutura, bem como o material utilizado. Além disso, este artigo tem como principal objetivo apresentar as bases filosóficas que sustentam e justificam esse trabalho. Serão comentados também momentos da oficina no intuito de refletir sobre os pontos positivos e negativos da realização da proposta, além de apresentar e discutir

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

essa experiência particular. Em virtude da estrutura idealizada para os grupos de trabalho, cada oficina específica tocará diferentes pontos, pois sua observação nos textos depende dos grupos formados pelos participantes presentes. Há uma tentativa de direcionamento para alguns temas mais diretamente ligados à filosofia da ciência especificamente, com o objetivo de chamar a atenção para tais discussões e situá-las em meio aos debates mais facilmente levantados. Esse direcionamento é por vezes necessário caso as discussões estejam se afastando muito do objetivo da oficina, que é principalmente promover a reflexão sobre questões importantes no âmbito filosofia da ciência. Tais temas estão muitas vezes intimamente ligados a outros de interesse mais amplo e mais popular, por assim dizer, na filosofia. É preciso indicar essas conexões e tomar cuidado para não reforçar a ideia de que a filosofia da ciência não tem debates interessantes ou conectados com áreas mais próximas da vida e da experiência comum das pessoas, como os temas sociais, éticos, ou mesmo dramas individuais. Uma das razões para a utilização de textos de ficção científica nesse trabalho é justamente promover a construção de um contexto completo, capaz de fazer surgirem as mesmas reflexões que se tem ao observar a vida e a realidade de fora da ficção. Dentro dela, no entanto, tem-se um contexto controlado, pelo menos em parte, em maior ou menor grau, dependendo do caso.

Neste artigo, explicarei a estrutura da oficina apresentando um esqueleto de plano de curso e falando brevemente sobre os autores e trechos das obras utilizados. Em seguida darei especial atenção a discorrer sobre a motivação, objetivos e principalmente a base filosófica do trabalho. Por fim, retomarei a execução da oficina como maneira de reforçar a argumentação inicial, apontando aspectos positivos e negativos.

Em termos de pesquisa, este é um trabalho que apenas se inicia. A ideia existe, e algumas bases já estão claras para sustentá-la, porém é necessário ainda o desenvolvimento de uma argumentação coerente e sólida, possível apenas após um estudo mais minucioso, parte de um projeto ainda em fase de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

elaboração. No entanto já é útil contar com uma experiência realizada, que pode ajudar a direcionar o encaminhamento da pesquisa do ponto de vista teórico, isto é, de sua apresentação no meio acadêmico.

### **A oficina: estrutura**

O trabalho foi estruturado em 3 partes, a saber:

#### PARTE I – Introdução, 20 minutos

1. Apresentação e investigação da base da turma.
2. Breve fala sobre a oficina: o que é, motivos, objetivos, bases filosóficas.
3. Sobre os textos, autores e condições ideais; sobre outros textos.

#### PARTE II – Leitura e discussão, 30 a 45 minutos

4. Distribuição dos textos aos grupos; 6 grupos de 3 a 4 pessoas cada.
5. Leitura individual.
6. Discussão nos grupos, refletindo sobre quais questões filosóficas aparecem nesses trechos.

PARTE III – Discussão geral entre todos os participantes da oficina, de 30 a 45 minutos

7. Fala de cada grupo sobre o que foi discutido e quais as questões escolhidas.

8. Fechamento pela mediadora da oficina: comentar as questões trazidas e focar em questões pertinentes à filosofia da ciência. Conforme já foi dito, não pretendo fazer deste artigo uma narração dos acontecimentos da oficina, por isso não vou me ater aos detalhes que perpassaram cada uma das partes. Os textos utilizados foram escolhidos levando em conta vários aspectos, entre eles os pontos de discussão filosófica que poderiam ser levantados e certa independência com relação ao todo da obra, de modo a proporcionar, diante de um leitor que nunca teve contato com esses livros, um conjunto coerente de informações e facilmente completado por uma breve descrição do enredo da obra. Ademais, me

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

restringi a textos com traduções acessíveis para o português, que permitiram que eu levasse cópias dos trechos escolhidos para serem distribuídas a cada um dos participantes. Cada grupo ficou responsável pela leitura de um trecho, sendo que cada participante recebeu uma cópia do trecho trabalhado pelo seu grupo. O número de páginas também foi restrito, levando em conta uma leitura que pudesse ser feita em aproximadamente 20 minutos.

O trabalho em pequenos grupos, dividindo uma turma grande (mais de 20 pessoas) tem se mostrado muito eficiente em minha experiência em aula. Nas turmas em que já lecionei, esse tipo de trabalho parece permitir que as reflexões sejam mais livremente expressas, dentro dos grupos, mesmo pelos que enfrentariam maior intimidação diante de um grupo maior para expressar suas ideias. Mais seguras depois de tê-las exposto em seu grupo, as pessoas tendem a ter um comportamento mais solto diante do grupo maior, o que enriquece e diversifica o debate geral. Não apresento nenhuma teoria educacional que me sirva de base para essas experiências, e não é o foco deste artigo defender uma tese nesse sentido. Porém justifico a metodologia de trabalho escolhida pelo sucesso empírico que tenho observado na minha experiência docente. Quanto à escolha da metodologia de leitura individual antes da discussão, esta se justifica por uma razão de base filosófica, a qual será explicada mais adiante. À primeira vista, a leitura silenciosa pode parecer quebrar a dinâmica da oficina, porém ela é absolutamente necessária e o desenvolvimento do restante do trabalho não é possível sem esse momento.

### **Os textos trabalhados**

Os textos examinados foram os seguintes, nas edições que figuram nas referências deste artigo. Descrevo a seguir também alguns tópicos que separei de antemão como possíveis fontes de discussão ligados a cada um dos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trechos/obras selecionados. As obras são aqui apresentadas em ordem alfabética e as datas correspondem à primeira edição na língua original.

*Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley. Trecho: pp. 28 a 35.

Temas: ciência e sociedade, ética, liberdade, valores, revoluções, política, educação, racionalidade, identidade do sujeito.

*A ilha do Dr. Moreau* (1896), de H. G. Wells. Trecho: pp. 69-73.

Temas: Racionalidade científica, paradigmas, valores e ciência, beleza, ética e ciência, revoluções científicas, objetividade, subjetividade do cientista.

*A máquina do tempo* (1895), de H. G. Wells. Trecho: pp. 24, 25 e 43-45.

Temas: evolução, linguagem, teorias científicas, tempo, paradigmas, relações humanas, natureza e cultura, relações de poder.

*2001, odisseia espacial*. (1968), de A. C. Clarke. Trecho: pp. 144-150.

Temas: inteligência artificial, tecnologia e ser humano, evolução, subjetividade e objetividade, emoções.

*O homem invisível* (1897), de H. G. Wells. Trecho: pp. 147-156.

Temas: controle da natureza, ética científica, ontologia da luz, segredo na ciência, objetividade, sujeito cientista.

*O médico e o monstro* (1886), de R. L. Stevenson. Trecho: pp. 70-78.

Temas: sujeito cientista, especialização e profissionalização científica, ética na ciência, dualidade mente e corpo, subdeterminação mente/corpo, revoluções científicas.

A preparação da oficina exigiu da ministrante, portanto, prévio conhecimento das obras e autores, além de leitura e análise mais detalhada do trecho escolhido, previamente ao momento de execução do trabalho. Isso se fez necessário especialmente por dois motivos: em primeiro lugar, é comum em certos casos, e de fato ocorreu, que alguns participantes tenham maior dificuldade em conectar a história lida com problemas filosóficos. Segundo, essa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lista permite facilitar o direcionamento desejado em alguns momentos aproximando mais as discussões de temas de filosofia da ciência. O segundo ponto já foi mencionado, e ainda será mais discutido ao longo deste artigo. Quanto ao primeiro, essa dificuldade de conexão pode ter diversas razões, entre elas a falta de contato com a filosofia, seus problemas, seus autores etc. Também há a falta de hábito em se fazer essas conexões externas, entre áreas aparentemente distantes. Notei que a principal dificuldade estava em alguns participantes que ainda estudavam no ensino médio. Tanto alunos de filosofia, calouros ou veteranos, quanto o público de outras áreas e de fora do meio acadêmico tiveram mais facilidade em promover essas ligações. Pode haver também uma questão de maturidade envolvida, isto é, experiência em refletir de maneira mais ampla sobre a vida em geral. Não vou me ater aqui a essas questões, elas apenas devem ser citadas a fim de justificar um preparo por parte do(a) mediador(a) em auxiliar, mediar de fato, a consolidação dessa concatenação. De fato, após orientação, o grupo com maior dificuldade acabou encontrando não somente as questões que lhes sugeri, mas muitas outras para serem levadas à discussão geral com o grupo maior.

### **As condições ideais**

Na lista das obras escolhidas para a oficina, é possível notar a presença de 3 textos do mesmo autor, H. G. Wells. Não há preferência pessoal especialmente pelo autor, mas os textos curtos de Wells e os enredos menos complexos facilitam esse tipo de trabalho. A obra de Huxley, *Admirável mundo novo*, apresenta enorme riqueza de discussões possíveis, assim como muitas outras de suas obras, mais longas, em geral, e mais profundas e complexas. Wells traz na maioria de seus textos aventuras tecnicamente muito bem escritas, de menor tamanho<sup>iii</sup>. Para a estrutura e tempo de uma oficina como essa, esses textos acabam sendo mais adequados, pois não exigem conhecimento de um contexto





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tão amplo e complexo como em Huxley. Vale aqui ressaltar que a oficina foi idealizada para o público a que se destinava, ou seja, os inscritos do evento em questão. Por se tratar de um evento aberto a toda a comunidade em que os participantes não possuem vínculo algum anterior nem posterior com a oficina, como em uma disciplina de um curso universitário ou mesmo uma oficina realizada dentro do ambiente acadêmico, todo o trabalho deve ser realizado no tempo da oficina. Além disso, optei pela variedade de autores e temas, já que no tempo previsto e sem o vínculo posterior dificilmente se poderia garantir aprofundamento maior das questões que seriam levantadas. As condições ideais para a realização de um trabalho de maior profundidade seriam em uma disciplina de graduação, por exemplo, tratando apenas de *Admirável mundo novo*, ou alguns textos escolhidos de H. G. Wells. No tempo de um semestre, por exemplo, seria possível fazer a leitura completa dos textos, chegando mais perto da condição exigida pelas pressuposições teóricas que nos motivaram. Além disso, os temas levantados poderiam ser mais detidamente trabalhados, consolidando as discussões. Seria possível vislumbrar o panorama de discussões como racionalidade, objetividade, ética, valores, subjetividade etc., apresentando-se as posições de alguns autores. No entanto no curto tempo da oficina o objetivo é muito mais mostrar como esse trabalho pode ser feito, inspirando professores e alunos à expansão de suas visões sobre esses tópicos.

### **Sobre as obras e trechos escolhidos**

*“2001, odisseia espacial”*

O trecho que escolhi desta obra apresenta uma cena em que HAL, o computador de bordo da nave espacial que leva seus tripulantes a uma missão exploratória além de Saturno, manifesta “comportamentos” estranhos. No que se parece com um ato de negligência, HAL deixa de permitir a volta de um tripulante a bordo após sua saída para um conserto externo na nave. Bowman dialoga com





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a máquina e desconfia, embora incrédulo de início, que HAL tenha desenvolvido algo como vontade própria, tomando decisões que prejudicam os seres humanos presentes na nave. O clima de medo é visível no diálogo, pois Bowman passa a temer a máquina. O medo também parece manifestar-se nas palavras de HAL, o que deixa Bowman, e quem lê, ainda mais confusos.

*“O médico e o monstro”*

O trecho escolhido relata um diálogo entre dois amigos do Dr. Jekyll, o médico que, assumindo a função de pesquisador como era comum na época, investiga o comportamento humano e a influência química e física nas atitudes e personalidade humanas. Jekyll pretende mostrar que o bem e o mal poderiam ser isolados no ser humano, com o intuito de controle de seu caráter. Em meio a esse diálogo há uma carta do próprio Jekyll, instruindo um dos colegas a proceder de modo a fornecer certos compostos ao até então conhecido por eles como “Mr. Hyde”. O trecho narra também a transformação evidente de um em outro, isto é, no caso de Hyde em Jekyll, com fim trágico. A transformação operada pelos compostos ingeridos não é apenas moral, mas física também, o que explica o não reconhecimento dos dois homens como sendo a mesma figura.

*“Admirável mundo novo”*

Difícilmente um trecho curto dessa obra poderia transmitir com clareza uma mensagem possível de ser entendida em uma leitura breve. Devido à complexidade do enredo, optei por um trecho situado bem no início do livro, que consiste quase que apenas de explicações sobre práticas científicas nessa sociedade. Habilmente, Huxley não coloca essas explicações para um visitante de fora da sociedade, como é o caso em muitos livros de ficção científica, inclusive alguns dos seus. Trata-se de uma espécie de aula, em que explicações sobre a geração e o nascimento dos bebês surgem naturalmente. Em uma visita a um laboratório em que embriões são desenvolvidos com total controle, o diretor desse “centro de desenvolvimento de seres humanos” apresenta aos estudantes atentos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

todo o processo que gera as diferentes castas da sociedade do admirável mundo novo. São processos químicos e físicos controlados, mostrando o domínio da ciência da genética em favor do controle da sociedade desejada. É interessante notar também os pontos em que o sistema “antigo” de geração da vida é mencionado, sempre com repulsa, procurando moldar o entendimento e os sentimentos dos estudantes a esse respeito.

*“O homem invisível”*

Essa obra de H. G. Wells me interessa particularmente, pois o foco central de minha pesquisa atual é analisar a utilização da luz enquanto conceito científico nessa história de ficção. Trata-se também de um trecho de explicação, facilitando o entendimento de uma primeira leitura na situação de uma oficina, em que a atenção não é a mesma que seria em um processo de leitura individual isolada. Nessa passagem, Griffin, o cientista que experimenta com a fórmula da invisibilidade, relata o processo de suas investigações a um colega, explicando como chegou às margens da vida criminosa por causa de seus experimentos. O cientista narra também seu histórico, isto é, como chegou a iniciar suas pesquisas, o que o motivou e como obteve, de maneira que ele mesmo considera que pode ser vista como repreensível, fundos para a sua realização.

*“A máquina do tempo”*

Essa obra é extremamente rica em possíveis questões para reflexão, apesar de curta. Inclusive por lidar com o tema da viagem no tempo, e conseqüentemente seu controle, sua atmosfera é de expansão temporal, que leva a um sentimento de expansão epistemológica também. Ou seja, temos a sensação de tomar conhecimento de um período extremamente longo da história humana em uma centena de páginas. Como a obra cobre desde a era vitoriana até bilhões de séculos no futuro, escolhi apenas dois trechos que se situam no mesmo recorte temporal, isto é, o futuro em que o viajante desce e permanece por algum tempo. No primeiro trecho, o viajante narra o seu primeiro contato com

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

habitantes desse futuro, nomeados mais adiante como “Elois”. O contato mostra dificuldades linguísticas, mas a comunicação é fácil pois essas criaturas são descritas como extremamente dóceis e ingênuas, vivendo aparentemente uma existência feliz e despreocupada. A segunda passagem que escolhi relata o descobrimento, por parte do visitante, de outro grupo de habitantes nessa época longínqua, que adiante no livro serão denominados “Morlocks”. Em princípio o medo da noite demonstrado pelos Elois intriga o viajante, que logo tem ele mesmo a experiência de encontrar os Morlocks, seres que ele julga também desenvolvidos a partir dos humanos, mas muito diferentes dos Elois. São criaturas que vivem na escuridão, no subterrâneo, e o trecho narra a revelação desse fato e as reflexões do viajante do tempo sobre a situação inusitada que encontra. A vida feliz e despreocupada que ele imaginara para o futuro do ser humano mostra-se pavorosa, pois fica claro que os Morlocks saem somente à noite para caçar suas presas, os Elois. Em meio a esses pensamentos o personagem que não pertence Àquela época reflete sobre o que poderia ter levado a tal evolução bipartida da espécie humana, formando uma hipótese envolvendo a discussão da luta de classes do ponto de vista econômico e social.

*“A ilha do Dr. Moreau”*

Mais um caso de cientista fora do paradigma, isto é, experimentando isoladamente sem a aprovação de uma comunidade científica, esse livro mais uma vez coloca a questão da criação da vida humana em debate. No trecho escolhido, Moreau conversa com seu “visitante”, Prendick, que ali acabou por causa de um naufrágio. Nessa conversa, Moreau fala de seus experimentos e dos seres que criou manipulando animais; seu objetivo era chegar ao humano a partir do animal, e ao humano perfeito, o bom e nobre selvagem. Cercado dos seus “filhos”, resultados de experimentos que ele reunia ao seu redor como servos, Moreau contesta a visível perplexidade de Prendick, questionando as impossibilidades éticas de seus experimentos. A passagem continua com uma



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mudança de capítulo, em que se inicia um relato do visitante sobre o que ele chama de “povo animal”, descrevendo o que viu ao observar tanto as criaturas que viviam próximas a Moreau quanto as que eram deixadas livres pelas florestas da ilha, formando uma sociedade com regras próprias.

### **Motivações e fundamentação filosófica**

A ideia de uma oficina de leitura e discussão de textos de ficção científica surgiu como complemento a uma pesquisa maior cujo foco é o conceito de desfamiliarização, o qual será abordado na próxima seção. Tal projeto possui duas partes distintas: a primeira lida com a investigação do status ontológico e epistemológico de objetos que pertencem ao mesmo tempo a esferas como a do cotidiano, a da ciência e a da ficção científica. Trata-se do caso da luz, por exemplo, que investigo no livro de Wells “O homem invisível”, conforme já mencionei aqui. A oficina faz parte da segunda parte do projeto, que visa mais diretamente a lidar com questões que envolvem a epistemologia da leitura dos textos de ficção científica e sua eficácia em servir como guias de reflexão sobre questões filosóficas importantes. Além disso, pensando na maior naturalidade que o contexto da ficção sugere para a apresentação de problemas filosóficos em meio aos enredos, e levando em conta também a dramatização como facilitadora do aprendizado, essa metodologia possui a vantagem de instigar às reflexões com maior facilidade, aproveitando o interesse dos estudantes pelos textos de ficção e seus enredos. Não apresentarei aqui nenhuma tese educacional nesse sentido, mas talvez futuramente uma tese semelhante possa ser levantada a partir das ideias apresentadas neste artigo e dos resultados da experiência de realização dessa oficina. Posso citar, por enquanto, dois filósofos que defenderam o gosto do ser humano pela dramatização e pela contação de histórias, sendo que um deles parece defendê-la como forma eficiente de despertar a consciência plena do sujeito inteiro em um entendimento que reúne o intelectual e o emocional. Esse



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filósofo é Aristóteles, que discorre sobre a experiência da “catarse” na apreciação das tragédias, em sua “Poética”<sup>iv</sup>. O outro filósofo a que me refiro é Nietzsche, que afirma que o intelecto humano desfruta, no momento de assistir a uma dramatização, de uma espécie de folga, pois quando se volta para o mundo da ficção não sofre a pressão de não deixar-se enganar e de distinguir as verdades a que deve se apegar para o sucesso da vida em sociedade de um indivíduo<sup>v</sup>. Evidentemente, cito esses pensadores apenas como um exemplo de que essas reflexões são presentes na filosofia há muito, e não vamos nos ater a analisar as ideias de nenhum dos dois autores neste artigo.

Lanço a ideia, nessa parte do projeto, de que a leitura de ficção gera uma espécie de conhecimento por familiaridade<sup>vi</sup>, apesar dessa familiaridade surgir de uma desfamiliarização do cotidiano. A leitura de um texto filosófico engendraria o equivalente a um conhecimento por descrição, isto é, “me contaram que...”, com respeito às questões filosóficas. Já a leitura pelo próprio indivíduo construiria o conhecimento por familiaridade, ou seja, “tive a experiência de...”.<sup>vii</sup> Mesmo nunca tendo visitado a Inglaterra vitoriana e muito menos o futuro de Eloi e Morlocks, uma leitura que se passe nessas épocas é capaz de fazer o papel da familiaridade. Nos envolvemos mais quando temos um enredo e personagens de ficção para nos entreter; podemos não ter a experiência direta com as situações vividas nesses períodos, mas a leitura e a construção do contexto da história de ficção traz mais familiaridade, mais envolvimento do que a simples leitura de um livro de história universal, ou uma descrição em prosa não-ficcional de acontecimentos passados e futuros. Conforme veremos nas próximas seções, em que a fundamentação filosófica que nos apoia ao fazer essas afirmações será exposta, a construção que ocorre durante a leitura de ficção pode ser considerada bem parecida com a própria construção da realidade que julgamos não-ficcional. E essa construção parece se dar a partir do processo chamado de desfamiliarização, em que há uma espécie de “empréstimo” de construções já

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

feitas na experiência cotidiana, as quais servem de base para se erigir a realidade ficcional da história em questão.

### **Desfamiliarização**

Intuitivamente falando, tanto artistas quanto apreciadores de arte podem comprovar que quando um ser humano está no palco, ele é diferente. Sente-se e é visto de forma diferente; causa e tem sensações diferentes. O mesmo ocorre com objetos quando retirados de uma condição cotidiana e levados ao status de obras de arte. É comum, nesses casos, encontrarmos exemplos de objetos, pessoas ou comportamentos comuns sendo levados ao foco de atenção do artista ou do apreciador, ou espectador. Tais elementos passam a provocar reações que antes, quando se tinha familiaridade com eles, não provocavam. Essa é a ideia central do conceito de desfamiliarização: tornar estranho o que é familiar, provocando a atenção na sua direção (cf. Banes, 2003, pp. 3-5 e Elgin, 2011, pp. 403). Segundo Erwin Schrödinger<sup>viii</sup>, físico e filósofo austríaco, o comportamento que é automatizado e o objeto com que temos profunda familiaridade não nos despertam mais a consciência; sugerimos, em Murr 2014, que ideia semelhante aparece em Bertrand Russell (Murr, 2014, pp. 164 e 174; Schrödinger, [1956], pp. 98-9 e Russell, [1921], p. 214). Somente o que é novo participa da vida consciente, em uma interpretação desses dois autores. Pode-se dizer, então, que a desfamiliarização traz de volta à consciência elementos que já haviam sido lançados ao inconsciente, em certo sentido. No entanto, eles não são mais vistos da mesma forma, não tendo mais a mesma caracterização nem categorização. Em certos casos, esses elementos passam a ter o status de obras de arte, despertando expectativas relacionadas à apreciação e à relação dos sujeitos com tais tipos de objetos.

Catherine Elgin discute o conceito de desfamiliarização em um de seus artigos, citando e discutindo o texto de Banes, 2003, o qual aborda a



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desfamiliarização na vanguarda da dança dos anos 1960. A desfamiliarização ajuda a explicar a valorização da arte por parte do ser humano, segundo Elgin, pois, caso contrário, tantas pessoas não pagariam ou não gastariam tempo indo assistir aos espetáculos mais variados (ver Elgin, 2011). Haveria, aí, algo diferente do cotidiano, que se destaca da superfície. De fato, em um espetáculo de dança, por exemplo, um sujeito cotidiano torna-se um bailarino, o que gera expectativas diferentes com relação a ele e emoções diversas despertadas pelas suas performances. De forma semelhante, comportamentos como um abraço, vistos em uma peça de teatro, encontram-se em foco e têm outro estatuto para quem os vê. Pensando dessa forma, pode-se dizer que a desfamiliarização sempre teria existido, em certa medida, nas artes. Mas certas tendências artísticas acentuam mais essa característica, colocando em foco, como obras de arte, objetos perfeitamente cotidianos, como uma lata de sopa (como no caso da Sopa Campbell de Andy Warhol, o artista ícone do movimento da Pop Art americana de meados dos anos 1960). Essa tendência, filosoficamente ligada ao “maravilhamento” grego, leva o público de arte a refletir cada vez mais sobre o seu entorno. Quanto mais a arte despertar para a estranheza do que é familiar, mais se poderá refletir com olhar novo sobre o cotidiano.

Em seu artigo de 2011, o objetivo principal de Elgin é atentar para a importância do uso de outro conceito presente na filosofia da arte, o da “exemplificação”, apresentado por Nelson Goodman. Segundo ela, esse conceito serve bem à ciência em certos casos, não devendo ser negligenciado (Elgin, 2011, pp. 399-400). Em meu projeto de pesquisa proponho fazer algo parecido com relação à desfamiliarização, em uma tentativa de adaptar o conceito, proveniente da estética, ao âmbito da filosofia da ciência.

Uma abordagem que será especialmente útil nesse processo de adaptação do conceito ao contexto filosófico é a aproximação com a ficção científica. Nesta análise, será investigada a conexão da desfamiliarização conforme idealizada e





IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

explicada por Shklovsky<sup>ix</sup> (autor que propõe o termo nos estudos literários) com alguma caracterização que possa ser extraída do estudo de obras de ficção científica enquanto transmissoras de ideias filosóficas, com discurso desfamiliarizado. É possível analisar essas obras também quanto à presença de objetos científicos que podem estar sendo usados para despertar atenção especial na narrativa, de modo a provocar certas reações. Assim como os objetos cotidianos podem ser vistos como científicos, pode-se dizer que os objetos científicos podem ser desfamiliarizados e aproveitados na literatura. Esse tópico não será alvo de atenção neste artigo, conforme já comentamos.

### **O discurso na Filosofia da Ciência**

A comunicação é parte importante do processo descrito por Schrödinger para se chegar à caracterização dos objetos reais, conforme ressalta Ben-Menahem (1992, p. 36-40). Pode-se dizer que o ato de comunicar participa também da formação de sujeitos e objetos e do estabelecimento das relações entre eles. Nesse sentido, a comunicação participa na formação da ontologia do mundo (com apoio de teorias como as de Wittgenstein e outras – cf. Ben-Manahem, 1992, p. 38), sendo fundamental no aprendizado através do qual se formam os invariantes<sup>x</sup>. O discurso também pode ser visto como parte dessa formação, especialmente quando se trata de invariantes mais sofisticados como os da ciência ou os das artes. O discurso usado para expressar conceitos científicos parece ajudar a definir os objetos científicos, assim como o discurso da ficção científica e da literatura em geral dá consistência aos seus objetos, dentro dessa abordagem. O discurso filosófico, por sua vez, tem papel fundamental na definição da ontologia dos conceitos de uma teoria ou sistema filosófico. Esses conceitos podem ser caracterizados, portanto, como familiares aos filósofos – e não somente conceitos, mas também redes de relações entre eles e possivelmente outros elementos que vão perfazer uma subesfera dentro da esfera filosófica.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pode-se fazer, aqui, uma analogia com a noção de Russell de conhecimento por familiaridade. Conhecemos certos objetos por familiaridade, no cotidiano, assim como os filósofos conhecem também os objetos da realidade com a qual lidam.

A desfamiliarização pode ser discutida nesse contexto em dois sentidos, pelo menos: primeiro, os objetos filosóficos seriam uma desfamiliarização dos objetos cotidianos, o que levaria à defesa de uma continuidade entre a esfera cotidiana e a filosófica. Segundo, o discurso filosófico pode ser desfamiliarizado e transformar-se em outro tipo de discurso, embora se reconheçam ainda os conceitos, relações e outros elementos que participavam do âmago das ideias filosóficas. A fundamentação filosófica para a realização da oficina de que trata este artigo está no segundo ponto, investigando uma possível aplicação da ideia de desfamiliarização a alguns textos de ficção científica, em que conceitos filosóficos se encontrariam, por assim dizer, velados. Transmitidos sob outra forma de discurso, esses conceitos podem ser absorvidos de maneira mais completa, levando em conta possibilidades verbais e não-verbais da relação dos leitores com os conceitos. Considero tal ampliação importante não só no caso da divulgação dessas ideias para o público leigo em filosofia, mas também para os próprios filósofos. Além disso, esse método de desfamiliarização do discurso filosófico em ficcional pode servir como apoio à defesa de certas ideias filosóficas, despertando, como no caso da desfamiliarização na literatura, reações que de outra forma não poderiam ser despertadas e, portanto, revelando nuances do conhecimento filosófico que antes não eram valorizadas.

Segundo Shklovsky, na literatura, a desfamiliarização engendra um paralelismo psicológico, cujo intuito é transferir um objeto de sua esfera de percepção usual para outra (Shklovsky, [1917], p. 12). Acredito que essa definição, mais aprofundada, aproxima-se ainda mais da caracterização que pretendo fazer da desfamiliarização, tanto no caso dos objetos, quanto dos sujeitos e do discurso. Em geral, trata-se de transferir esses elementos de uma

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

esfera a outra; no caso, Shklovsky usa a expressão “esferas de percepção”, lidando com um vocabulário psicologista. Tomando em conta a teoria causal da percepção de Russell, há conexões causais diferentes entre os elementos que constituem a percepção nas duas esferas<sup>xi</sup>. Lembrando que, para Russell (nas obras *Analysis of Matter* e *Analysis of Mind*), a percepção é um processo definido por uma cadeia causal que vai desde os particulares (ou elementos de sensação) até a formação das noções do senso comum, levando também ao desenvolvimento de ficções como a de “sujeito” e à caracterização de objetos como os compreendemos.

Pode-se dizer que essas reações diferenciadas causadas pela desfamiliarização seriam consequências de uma alteração nas expectativas com relação aos elementos desfamiliarizados. Para Schrödinger, a construção dos objetos envolve, além de percepções reais e virtuais, expectativas (ver Murr 2014, pp. 40-55 e Schrödinger, [1928], pp. 119-120 e [1954], p. 94). Portanto, alterá-las muda também a ontologia dos objetos. Essa ideia é harmônica com a concepção schrödingeriana de que o aumento do grau de familiaridade com os objetos é responsável pela automatização das expectativas (ver Schrödinger, 1957, p. 208). Quanto mais familiaridade com um objeto, mais as expectativas com relação a ele são automatizadas, não sendo necessário construí-lo novamente a cada situação, mas apenas fazer um resgate de invariantes. É coerente dizer que, do ponto de vista schrödingeriano, o que foi familiarizado é levado à inconsciência, devido à automatização. Sendo assim, expectativas familiares não seriam capazes de despertar certas sensações, as quais só estariam presentes nos primórdios da construção de um objeto. A desfamiliarização mudaria essas expectativas, surpreendendo e trazendo à consciência, com a presença de sensações, objetos que já se tornaram familiares. Por isso, é razoável concluir que o discurso literário proporciona experiências renovadas e diferenciadas a quem o lê, em comparação com o texto filosófico tradicional. A desfamiliarização de conceitos

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosóficos e também de objetos e outros elementos da realidade gera um reencontro com os mesmos, produzindo sensações, sentimentos, emoções e ideias que não poderiam ser produzidos pela leitura de um texto filosófico convencional. Não se trata de desmerecer o valor do discurso filosófico, mas apenas apontar para o valor da ficção como complemento na compreensão de certas discussões, compreensão essa que pode, através do contato com a literatura, ser mais global em relação às capacidades humanas, para além da racionalização nos moldes da argumentação filosófica.

### **Filosofia na prática: a experiência da oficina**

Após a apresentação de como se daria a metodologia de trabalho, já divididos em alguns grupos (de antemão preparei a sala em que aconteceria a oficina de modo que houvesse seis grupos em forma de “rodas” que trabalhariam cada um dos trechos selecionados), os participantes da oficina aceitaram bem a ideia da leitura individual antes de iniciarem as discussões. A leitura feita nesse ambiente, conforme pude constatar, é mais demorada do que uma leitura individual feita isoladamente. Considero que esse foi um ponto negativo do cronograma da oficina, pois a leitura demandou mais tempo do que imaginei, e com isso ultrapassei em 30 minutos o tempo estabelecido para a realização do trabalho. Mas os participantes não reclamaram dessa delonga, uma vez que na última meia hora se encontravam bastante envolvidos e empolgados com a discussão. Além disso, percebe-se nesse tipo de metodologia que os ritmos de leitura variam muito de um indivíduo para o outro, mas isso acaba não se revelando um problema, uma vez que a discussão dentro dos pequenos grupos se inicia naturalmente quando todos já fizeram suas leituras. É importante lembrar que a leitura foi já direcionada para a extração de problemas filosóficos, sendo que a tarefa consistia em encontrar alguns problemas que poderiam ser levantados e expô-los ao grupo menor. Posteriormente cada um dos grupos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trouxe as reflexões que considerou mais pertinentes para a discussão geral. Outra característica dessa metodologia é que a pessoa que medeia a oficina não está diretamente envolvida na parte talvez mais importante da reflexão e do alcance do objetivo de se discutirem questões filosóficas, isto é, na construção do conhecimento por parte dos participantes. Eles mesmos precisam, a partir da leitura e do compartilhamento de informações, crenças, experiências, opiniões, argumentos etc., levar a cabo essa construção sem receber passivamente algo já pronto, o “conhecimento”, na forma de conceito filosófico. Argumento pela eficiência do método, mais uma vez, apelando para o seu sucesso empírico, por experiências realizadas em sala de aula como professora.

O direcionamento para a filosofia foi deixado livre, sem exigir que se pensasse necessariamente em problemas específicos de filosofia da ciência durante as leituras. Os temas trazidos para a discussão geral, por essa razão, perpassaram todas as áreas da filosofia, desde questões éticas, políticas, epistemológicas, ontológicas etc. O tema mais lembrado foi a ética: ética e ciência na análise de “A Ilha do Dr. Moreau”, “O Homem Invisível” e “O médico e o monstro”, por exemplo. Nos três casos, discutiu-se sobre o direito ou não do cientista em levar a cabo seus experimentos. Semelhantemente ao caso de Moreau, discutiu-se sobre a posição quanto à criação da vida em “Admirável mundo novo”; neste surgiu também a questão da liberdade como tema mais latente. Na história de Stevenson chamou a atenção a discussão sobre o bem e o mal e seu status cultural; a questão política surgiu em “A máquina do tempo”, discutindo a dominação de alguns grupos sobre outros. Muitas das questões levantadas pelos grupos tinham ligação indireta com questões importantes em filosofia da ciência, muitas das quais eu já havia separado para levar também para essa discussão. Procurei instigar essas conexões, e creio que a concatenação dessas problemáticas gerou uma aproximação maior para com a filosofia da ciência, que em geral é bastante dificultada por um consenso tácito entre os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estudantes, vindo de fonte desconhecida, de que a epistemologia e a filosofia da ciência são mais distantes da vida para quem se propõe a estudá-las. No entanto, foi possível revelar afinidades, de maneira muito breve e longe do ideal, mas a eficiência da oficina em ampliar a visão dos participantes sobre os problemas da filosofia da ciência ficou evidente.

Os comentários gerais foram no sentido do despertar do interesse pelas leituras ou releituras das obras trabalhadas na íntegra, a fim de constatar a presença desses problemas e de outros. Posso afirmar que muitos dos participantes manifestaram nítida empolgação em descobrir a conexão da literatura com a filosofia e que pretendem ficar mais atentos às análises filosóficas de obras literárias, conectando os temas e filósofos que estudam na graduação, no ensino médio ou por conta própria, com as obras de ficção. Por fim, expressões de “ah, já acabou?”, “queríamos mais” e pedidos de incluir nos currículos disciplinas que apliquem essa metodologia nos cursos de graduação, especialmente em filosofia, fecharam essa manhã de trabalho da oficina “Filosofia, Ciência e Ficção Científica”, incentivando a continuidade das pesquisas em andamento.

### Referências

- ARISTÓTELES. **Arte poética**. P. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- BANES, S. “*Gulliver's Hamburger: Defamiliarization and the Ordinary in the 1960s Avant-Garde*” In BANES, S. (ed.), **Reinventing Dance in the 1960s. Everything was possible**. Madison: The University of Wisconsin Press, 2003., pp. 3-23.
- BEN-MENACHEM, Y. “Struggling with realism: Schrödinger's case” In BITBOL, M. and DARRIGOL, O. (eds.). **Erwin Schrödinger: Philosophy and the Birth of Quantum Mechanics**. Paris: Editions Frontières, 1992, pp. 25-40.
- CLARKE, A. C. **2001, odisséia espacial**. São Paulo: Ed. Edibolso.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. Martins Fontes, [1968] 1975.





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ELGIN, C. “Telling Instances” In FRIGG, R. & HUNTER, M. (eds.), ***Beyond Mimesis and Convention. Representation in Art and Science***, Springer, 2010, pp. 32-48.

\_\_\_\_\_. “Making Manifest: the role of exemplification in Science and the Arts”. In DUTRA, L. H. (ed.), ***Principia, Revista Internacional de Epistemologia***, Vol. 15 n. 3, dez. 2011, pp. 399-413. Florianópolis: Núcleo de Epistemologia e Lógica, Universidade Federal de Santa Catarina.

HUXLEY, A. ***Admirável Mundo Novo***. São Paulo: Ed. Globo, [1932] 2016.

JAMES, W. ***Essays in Radical Empiricism***. London: Longmans, Green and Co., 1912.

MURR, C. E. ***A realidade através do espelho: Schrödinger e Russell no País da Objetivação***. Tese de Doutorado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2014.

NIETZSCHE, F. “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral” In ***Friedrich Nietzsche, obras incompletas***. São Paulo: Nova Cultural, [1873] 1999.

RUSSELL, B. “*Knowledge by acquaintance and knowledge by description*”. In EGNER, R.E. & DENONN, L.E. (eds.), ***The basic writings of Bertrand Russell***. New York and London: Routledge Classics, [1912] 2009, pp. 268-276..

\_\_\_\_\_. ***The Analysis of Mind***. New York: Watchmaker Publishing, [1921] 2010.

\_\_\_\_\_. ***The Analysis of Matter***. New York: Dover Publications Inc., [1927] 1954.

SHKLOVSKY, V. “Art as Device” In ***Theory of Prose***, Champaign: Dalkey Archive Press, [1917] 2009, pp. 1-14.

SCHRÖDINGER, E. “*Conceptual Models in Physics and their Philosophical Value*”. In ***Science and the Human Temperament***. London: George Allen & Unwin Ltd. [1928] 1935. pp. 119-138.

\_\_\_\_\_. “*Nature and the Greeks*” In ***Nature and the Greeks and Science and Humanism***, Cambridge: Cambridge University Press, [1954] 1996, pp. 3-99.

\_\_\_\_\_. “*Mind and Matter: the Turner Lectures*” In ***'What is life?' with 'Mind and Matter' and 'Autobiographical Sketches'*** . Cambridge: Cambridge University Press, [1956] 2001, pp. 93-164.

\_\_\_\_\_. “*What is an Elementary Particle*” In ***Science, Theory and Man***, New York: Dover Publications, 1957, pp. 193-223.

STEVENSON, R. L . ***O médico e o monstro***. São Paulo: Ática, [1886] 1994.

WELLS, H. G. ***A máquina do Tempo***. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, [1895] 1991.

\_\_\_\_\_. ***A ilha do Dr. Moreau***. Rio de Janeiro: Objetiva, [1896] 2012.

\_\_\_\_\_. ***O homem invisível***. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1897] 1989.

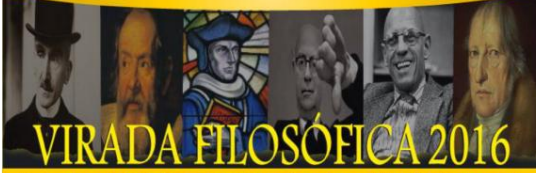
\_\_\_\_\_. ***Tono Bungay***. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1909] 1990.



**ANEXO 1 – FOLDER EVENTO “VIRADA FILOSÓFICA 2016”**



**2016 É O ANO DA VIRADA**





**FEF**  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM  
FILOSOFIA E ENSINO DE FILOSOFIA

INFORMAÇÕES  
[facebook.com/filosofia.fef](https://facebook.com/filosofia.fef)

VIRADA FILOSÓFICA 2016

Promovida pelo FEF - Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Ensino de Filosofia - em parceria com o Departamento Acadêmico de Estudos Sociais da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com a Fundação Cultural de Curitiba e com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, a VIRADA FILOSÓFICA 2016 é um evento comemorativo aos 500 anos da publicação de *A Utopia* (do filósofo inglês Thomas Morus) e a outras 6 datas importantes para a história da Filosofia neste ano. Integrando a Semana Cultural da Prefeitura de Curitiba, a VIRADA FILOSÓFICA conta com o apoio da APP, Sindicato, UTFPR, PUCPR, UFPR e IFEF.

**INSCRIÇÕES: 1º a 14 de agosto**  
 No site <http://aprenderere.curitiba.pr.gov.br/portal/>  
 Os certificados de participação serão emitidos pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba

**Vagas limitadas!**

26 DE AGOSTO	27 DE AGOSTO
<b>PALESTRAS</b>	<b>MESA REDONDA</b>
<p>10h30 - 10h40 <b>ABERTURA</b>                  Sessão e Palestra de Abertura: "A UTOPIA DO COMENTÁRIO" - RENEI CLECIO MOCELLIN (UFFPR), ALEX CALZADINS (UFFPR) E FÉLIX CALZADINS (UFFPR).                  Local: Auditório da APP - Jardim. Av. Iguaçu, 890 - Rebouças - Vagas: 400</p> <p>10h - 10h30 <b>10 ANOS DA UTOPIA DO SÍMBOLO</b> - CESAR CAVAZOTTI (PUCPR).                  Local: PUCPR - Auditório Teófilo de Assis - R. Inocêncio Conceição, 1155 - Prado Velho - Vagas: 204</p> <p>17h - 18h30 <b>A UTOPIA DA SÍNTESE</b> - LEZARIO NEVES CARDIM (UFFPR) E BENITO EDUARDO MANSO (UFFPR).                  Local: Porto Cultural - Avenida Vidua - Av. República Argentina, 3.432 - Curitiba - Vagas: 180</p>	<p>10h30 - 12h <b>10 ANOS DA LEI 15.288-06</b> - EDUARDO BARRO (UFFPR), JANDI MARCA, PUCPR, UNIBRAZIL, LEZO DE LA (UEL), EMANUEL APPEL (UFFPR), ANGELO HANCOCH E MALUÍCIO REQUENA. Mesa-redonda sobre os 10 anos da Lei 15.288/06, que tratava e regulamentava do ensino de Filosofia e Sociologia nos currículos escolares de Ensino Médio no Estado do Paraná.                  Local: Colégio Santa Maria - R. Cosme e Damião, 274 - Centro - Vagas: 270</p>
<b>OFICINAS TEMÁTICAS</b>	<b>OFICINAS TEMÁTICAS</b>
<p>Local: PUCPR - R. Inocêncio Conceição, 1155 - Prado Velho - Vagas: 30 (cada oficina)</p> <p>14h - 15h30 <b>Galileu diante do Santo Ofício: regras e exceções no processo inquisitorial Moderno</b> - Cláudio Augusto Bortolotto (UFFPR) - Sala 101 (cada oficina)</p> <p><b>Em As Pátrias e as Cidades: a análise de "Las Merindas"</b> - Dênia Maria de Silva (INESPAR/FAF) - Sala 101</p> <p><b>O que é a Lei? Retrospectiva sobre filosofia e sua contemporaneidade</b> - Rauli Lami Mercurio (UFFPR) - Sala 101</p> <p><b>Fundamentos da Ética de Kant e Nietzsche</b> - André Djalma Junior (UFFPR), Ivanildo Rodrigues (UFFPR) - Sala 101</p> <p><b>Política e Identidade em Hannah Arendt</b> - Andréa Bassin (PUCPR) - Sala 101</p> <p><b>Do palácio como gesto: um estudo do performático em Austin</b> - Roseli Donaghe de Silva (UFFPR) - Sala 101</p> <p>Local: UTFPR - Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças - Vagas: 20 (cada oficina)</p> <p>15h30 - 17h30 <b>A Utopia de Thomas Morus: Ciência, Arte, Filosofia</b> - Ivan Ferreira da Cunha (UFSC)</p> <p><b>A arqueologia de Babel e a Teologia da Bíblia: uma comparação entre Michel Foucault e Thomas Kuhn</b> - Eduardo de Assis Bento (UFAPIC)</p> <p><b>Apropriação e Filosofia de Nietzsche: o desenvolvimento da filosofia moral com a filosofia política para um novo modo de vida</b> - Alison Cavalho Aguiar (UFFPR), Nágila de Lima (UTFPR) - Democracia e verdade - Cláudio Donaghe (UFFPR)</p>	<p>Local: UTFPR - Departamento de Psicologia - Praça Santos Andrade, Centro</p> <p>10 - 10h30 <b>Atividade de expressão em um corpo: Articulações entre Filosofia e Dança</b> - Renato Bastos (UNIBRAZIL), Érika Ferreira (UNIBRAZIL) - Sala 101</p> <p><b>O Brasil de hoje: uma crítica em que a verdade fica injusta e aparecida</b> - Rafael Dutra Fernandes (PUCRJ) - Sala 101</p> <p><b>O desenvolvimento da inteligência nos textos de Henri Bergson e Jean Piaget</b> - Fátima Gonçalves (UFFPR) - Sala 101</p> <p><b>As pátrias e as cidades na arqueologia de Michel Foucault</b> - Daniel Vergnani Galvani (UFFPR) - Sala 101</p> <p><b>Ética e Política (UFFPR)</b> - Thiago Tereza Reis (Universidade Paulista) - Sala 101</p> <p><b>Filosofia e Literatura no pensamento estético de Albert Camus</b> - Gustavo B. Bonaldi (UNFEZSP) - Sala 101</p> <p><b>Filosofia, ciência e fé na ciência</b> - Caroline Blum (UFFPR) - Sala 101</p> <p><b>Ontologia negativa do ser negro</b> - Andréa Inês Krumholz (UFFPR) - Sala 101</p>
<b>OFICINAS DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS</b>	<b>PALESTRA</b>
<p>Local: Porto Cultural - Sala Roseli Giglio - Av. República Argentina, 3.432 - Curitiba - Vagas: 20</p> <p>10h30 - 17h <b>OFICINA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS I</b> - Público-alvo: crianças de 10 a 12 anos. Mediadora: Daniela Moran e Paula (UFFPR)</p> <p>17h - 18h30 <b>OFICINA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS II</b> - Público-alvo: crianças de 8 a 10 anos. Mediadora: Patrícia Gonçalves (UFFPR)</p>	<p>18h <b>SESSÃO E PALESTRA DE ENCERRAMENTO: "10 ANOS DE UTOPIA"</b> - CARLOS EDUARDO ORNELAS BEZERRA, SEL-CADAP/UFPR e GLEISSON A. SCHMIDT (UFFPR).                  Local: UTFPR - Teatro da Pedreira - Rua XV de Novembro, 1059 - Centro - Vagas: 700</p>
<b>SESSÕES DE CINEMA E FILOSOFIA</b>	
<p>Local: Porto Cultural - Cine Guarani - Av. República Argentina, 3.432 - Curitiba - Vagas: 165</p> <p>16h - 17h <b>HUMAN - VOL. 1 (VAN BERTSTRAND, 2015)</b></p> <p>18h <b>TERRA BRASILEIRA EM TRANSÊ</b> - Medianeira: Andréa Moran (UFFPR), Paulo Viana Neto (UFFPR)</p>	
<b>LANÇAMENTO DE LIVROS</b>	
<p>Local: Porto Cultural - Cine Guarani - Av. República Argentina, 3.432 - Curitiba</p>	

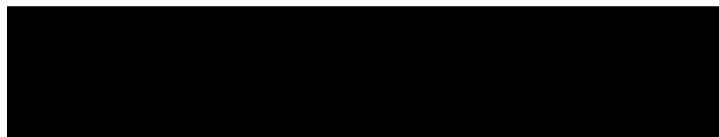
**INFORMAÇÕES**  
[www.facebook.com/filosofia.fef](https://www.facebook.com/filosofia.fef)  
 email: [filosofia.fef@gmail.com](mailto:filosofia.fef@gmail.com)

Apoio



Realização





## ANEXO 2 – LISTA DE INSCRITOS NA OFICINA “FILOSOFIA, CIÊNCIA E FICÇÃO CIENTÍFICA”



Aprender e - Lista de Participantes Inscritos

Turma Nº 41937

### Lista de Participantes Inscritos

#### Turma Nº 41937

Participante	Matricula	Órgão	Núcleo	Local de Trabalho	Atuação/Carreira
0001 - ALANA ACSA MAGALHÃES DE BRITO	--	Comunidade	--	--	--
0002 - ALEX SANDRO NOGUEIRA SILVA	--	Comunidade	--	--	--
0003 - ANTONIO C C MARQUES	--	Comunidade	--	--	--
0004 - ARIANE REGINA FELICIANO DE OLIVEIRA	--	Comunidade	--	--	--
0005 - CHRISTOPHER JONATHAN MORO	--	Comunidade	--	--	--
0006 - EDICLEIA REGINA MARTINS	52706	Educação	--	--	PROFISSIONAL DO MAGISTERIO
0007 - EDVALDO CORDEIRO DA SILVA	--	Comunidade	--	--	--
0008 - ELENAI KRAUSS	76844	Educação	NREBV - NÚCLEO REGIONAL DA EDUCAÇÃO BOA VISTA	UEBV11	PROFISSIONAL DO MAGISTERIO
0009 - ELFÍDIO JÚLIO CARDOSO	--	Comunidade	--	--	--
0010 - EMANUELLY OLIVEIRA DE ARAÚJO	--	Comunidade	--	--	--
0011 - FELIPE DE SOUSA PASSOS	--	Comunidade	--	--	--
0012 - GABRIEL WINTER	--	Comunidade	--	--	--
0013 - GEAN CARLOS	--	Comunidade	--	--	--
0014 - HERICK OLIVEIRA CAMARGO	--	Comunidade	--	--	--
0015 - JACKSON STICA	--	Comunidade	--	--	--
0016 - JACKSON STOLARCZEKI	--	Comunidade	--	--	--
0017 - JÁMISON DA SILVA CASTRO	--	Comunidade	--	--	--
0018 - JOSÉ CARLOS BATISTA DA SILVA	--	Comunidade	--	--	--
0019 - JUNIOR OLIVEIRA DA SILVA	--	Comunidade	--	--	--
0020 - JUSSARA PETRANSKI	--	Comunidade	--	--	--
0021 - KARLO MATHEUS KACHEL STOLTE	--	Comunidade	--	--	--
0022 - LEONARDO MILDENBERGER	--	Comunidade	--	--	--
0023 - LEONARDO ULBRICH	--	Comunidade	--	--	--
0024 - LUCIMARA FABRICIO	139949	Educação	NREBQ - NÚCLEO REGIONAL DA EDUCAÇÃO BOQUEIRÃO	--	PROFISSIONAL DO MAGISTERIO
0025 - MARIANA MAYUMI HADANO	--	Comunidade	--	--	--
0026 - MARIANA WIEDMER FACHINI	--	Comunidade	--	--	--
0027 - MARLON ANTÔNIO ALVES DA SILVA	--	Comunidade	--	--	--
0028 - NAUDIMA	--	Comunidade	--	--	--
0029 - NILTON MARLON ANTONIO	--	Comunidade	--	--	--

<http://aprender.e.curitiba.pr.gov.br>

Página 1

Participantes: 35 - 24/08/2016 19:08



Aprender e - Lista de Participantes Inscritos

Turma Nº 41937

0030 - PEDRO ÂNGELO ALÉRICO DA CRUZ	--	Comunidade	--	--	--
0031 - RAMON AURÉLIO JR DA CUNHA	--	Comunidade	--	--	--
0032 - RAPHAELA CANDIDO	--	Comunidade	--	--	--
0033 - ROBERTO RODRIGUES DOS SANTOS	--	Comunidade	--	--	--
0034 - ROSEMARY CHRISTINA PILA TELES	--	Comunidade	--	--	--
0035 - THALISSON CUNHA MENDES	--	Comunidade	--	--	--

<http://aprender.e.curitiba.pr.gov.br>

Página 2

Participantes: 35 - 24/08/2016 19:08

---

i

Ver anexo 1.

ii

Ver anexo 2. Nem todos os inscritos compareceram.

iii

Nem todas as obras do autor têm essas características. Ver, por exemplo, Wells, [1909].

iv

Ver Aristóteles, 2003.

v

Ver Nietzsche, [1873].

vi

Sobre a diferença entre conhecimento por familiaridade e por descrição, ver Russell, [1912].

vii

O conceito de experiência que pretendo utilizar aproxima-se do pragmatismo de William James e John Dewey, embora as investigações nesse sentido ainda estejam muito incompletas para que possa discorrer sobre elas. Sobre experiência, ver James, 1912 e Dewey, [1912].

viii

Para mais sobre a filosofia de Schrödinger e seus conceitos aqui mencionados, ver Murr, 2014.

ix

Ver Shklovsky, [1917].

x

Para esclarecimentos sobre o conceito schrödingeriano de invariantes, ver Murr, 2014.

xi

Sobre a teoria causal da percepção de Russell, ver Murr, 2014, Capítulo 3 e Russell, [1927], Capítulo 20.